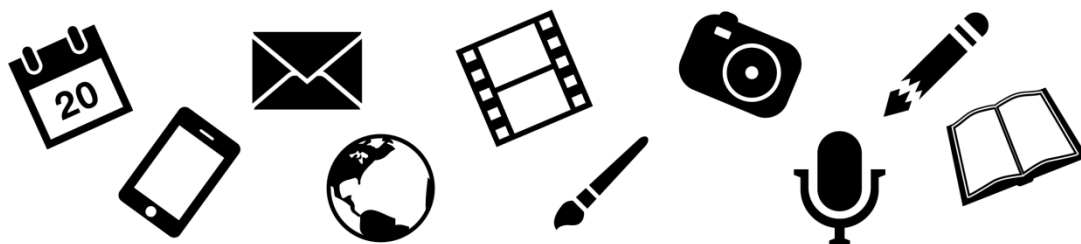




**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agecom
Agência de
Comunicação
da UFSC

27 de abril de 2014

Tática rural em território urbano / Reivindicação / Reforma agrária / Ocupação Amarildo de Souza / Brigadas Populares / Partidos / Sindicatos / Movimento dos Trabalhadores Sem Terra / MST / Servidor Público / Casan / Tubarão / Rui Fernando da Silva Junior / Padre Luiz Prim / Alunos / Professores / Movimento por Universidade Popular de SC / MUP / Centro Acadêmico Livre de Serviço Social / Fabio Coimbra Ferraz / Cristiano Mariotto / Índio / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC

DIÁRIO CATARINENSE, DOMINGO, 27 DE ABRIL DE 2014

Geral 33

AMARILDO.

TÁTICA RURAL EM TERRITÓRIO URBANO



FOTO: GUSTAVO SERRA/REUTERS

MOVIMENTO ÍNDIO
Movimento faz reivindicações de reforma agrária dentro da cidade



ÂNDERSON SILVA
DIOGO VARGAS
JOICE BACELO
LUIS ANTONIO HANGAI
ROSANE FELTHAUS

Por trás da invasão de terras em Florianópolis há dissidentes da luta pró-reforma agrária, uma rede de apoiadores e articulação via Facebook

Ao capitanear ocupações de terras em Florianópolis e desencadear ânimos em setores e até episódio de revolta popular, a Ocupação Amarildo de Souza revela-se como uma mobilização férrea de articulação, independência e tom revolucionário em que atuam os líderes e personagens principais.

O acampamento, atualmente localizado na região do Maciãmbu, em Palhoça, na Grande Florianópolis, é formado por uma comunidade híbrida articulada inicialmente por lideranças com trajetória pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e apoiada por um conjunto de grupos alinhados à esquerda política. A união de forças que solidifica a ocupação forma uma espécie de rede de apoio ao Amarildo.

Militantes do PCB, PSTU, PSOL e PT e instituições esquerdistas estão entre as lideranças que apoiam a ocupação. Destes, apenas dois, o PCB e o PSTU, admitem sem rodeios que prestam solidariedade ao movimento. Os demais têm integrantes circulando livremente nos acampamentos.

Vereadores e deputados estiveram em episódios importantes dos quatro meses da recente

história da ocupação. Oficialmente, nenhum dos apoiadores confirmou que dá sustentação financeira aos Amarildos. Justificam que o suporte vem de doações para suprir as necessidades básicas dos envolvidos na luta.

No período em que o acampamento esteve instalado às margens da rodovia SC-401, no norte da Ilha – lugar considerado de forte potencial para receber grandes empreendimentos –, estudantes universitários, sindicalistas e militantes de partidos políticos dividiram espaço com algumas centenas de famílias que reivindicavam melhores condições de moradia e terra para plantio.

A bandeira "Terra, trabalho e teto" se confunde com os reclames urbanos e agrários do movimento. A reintegração de posse, reivindicada pelo empresário e ex-deputado Artêmio Paludo, acabou sendo concedida pela Justiça Agrária.

A ocupação chamou atenção pela proposta de questionar a propriedade da terra dentro de uma cidade, em um terreno a caminho das badaladas praias do norte da Ilha. A reivindicação refletiu o perfil de uma das principais lideranças da ocupação, Rui Fernando da Silva Junior, que militou pelo MST, embora

tenha morado e trabalhado em cidades.

O movimento tem página no Facebook, usa a internet para divulgar as ações e também convocar outros manifestantes. Alguns dos personagens se identificam também como simpatizantes ao movimento Brigadas Populares, criado em Santa Catarina em 2011. Na internet, a entidade nega que esteja na coordenação do acampamento, mas admite apoio ao objetivo desenvolvendo, por exemplo, a divulgação no blog.

Na sexta-feira, uma nota publicada pelo Tribunal de Justiça deu um parâmetro do que tem significado o monitoramento do impasse pelo Estado, desde 23 de dezembro de 2013 até o dia 21 deste mês. A contenção e o acompanhamento dos ocupantes geraram um gasto de R\$ 109 mil e mobilizaram 455 policiais militares.

Desde que se mudou para Palhoça, o movimento começou a perder força, com redução no número de participantes. Fontes que acompanham a ocupação afirmam que há uma grande pressão para que nenhum integrante deixe o acampamento.

SEGUE >



CHE RUI

SONHO REVOLUCIONÁRIO, FAMÍLIA

O boné com a bandeira de Cuba está sempre sobre a cabeça, como um adorno fixo que evidencia a paixão pelo comunismo, e em seu discurso predomina o princípio marxista de que a sociedade "é a arena da constante luta entre trabalhadores e capitalistas". Tem como ídolos o revolucionário argentino Che Guevara e o guerrilheiro brasileiro Carlos Marighella.

Com essas habituais preferências da extrema-esquerda latino-americana, o líder e porta-voz da Ocupação Amarelido de Souza, Rui Fernando da Silva Junior, 49 anos, natural de Capivari de Baixo, Sul do Estado, capitaneou o acampamento que alimenta esperança a algumas famílias, causa desconforto em empresários e instituições públicas e assusta parte da população.

Atualmente filiado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), Rui Fernando ostenta um histórico de militância em partidos, sindicato e movimento social, no Sul do Estado e na Grande Florianópolis. Servidor público da Casan em Tubarão, foi um dos 24 dirigentes do Sindicato dos Trabalhadores de Água, Esgoto e Saneamento de Santa Catarina

MST e o PT de Lula perderam a chama revolucionária, na visão do líder dos Amarelidos

entre as décadas de 1980 e 1990.

Na época, ainda filiado ao PT, Rui e os colegas sindicalistas montaram a chapa que em 1987 venceria a situação, os membros eram escolhidos a dedo pelos militares.

Em 1989, o sindicato deflagrou uma greve que durou um mês. As reivindicações - melhores salários e condições de trabalho - foram apresentadas ao então governador Pedro Ivo. Impasses nas negociações levaram Rui e demais sindicalistas a iniciarem uma greve de fome por quase sete dias, no gabinete da então deputada estadual Luci Choinacki (PT) na Assembleia Legislativa, hoje deputada federal.

Após a chapa ser derrotada nas eleições em 1996, Rui abandonou o sindicato e se aposentou pela Casan. Foi quan-

do começou a militar no Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST), passando a percorrer acampamentos pelo Estado. Cantor, ele desempenhava o papel de animador ao interpretar canções populares, sobretudo de Raul Seixas, uma de suas paixões.

Rui não é de origem rural, mas a ideologia o jogou no colo do MST, onde aprendeu a cultivar a terra e a entender os meandros dos processos jurídicos capazes de conquistar lotes em assentamentos promovidos pelo Incra. O lema e slogan histórico do MST - planejar, executar e manter ocupações - tem sido usado por Rui na organização da Ocupação Amarelido.

A vivência do mundo sindical urbano o habilitou a negociar com moradores de periferia e circular com desenvoltura em meio a lideranças comunitárias e políticas. As aptidões tornaram-se fundamentais para invadir terrenos urbanos e erguer acampamentos dentro de cidades.

Em uma dessas tentativas Rui acabou preso. Em janeiro de 2010, ele e Altair Lavratti, outro coordenador do MST, planejavam ocupar um terreno de 200 hectares na Zona de Processamen-

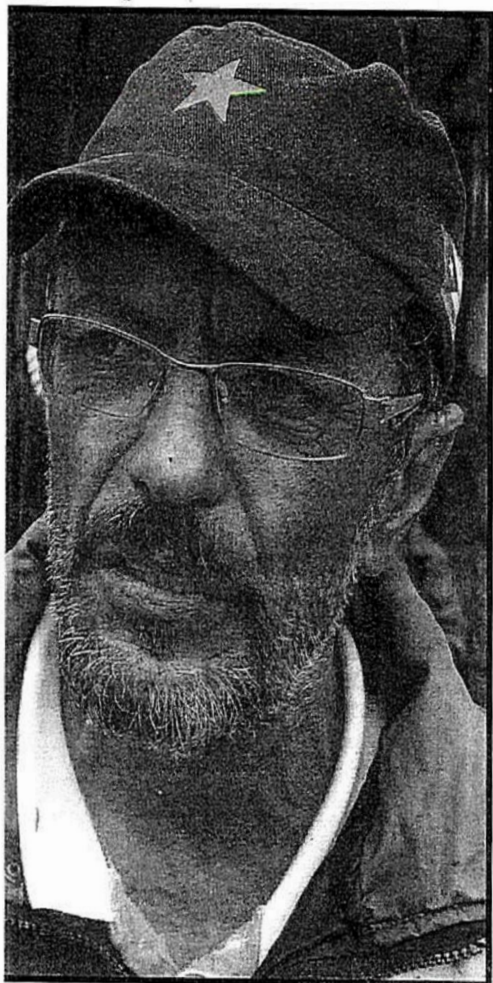
to e Exportações (ZPE), área estadual em Imbituba, no Sul do Estado.

O objetivo do grupo era assentar pequenos agricultores de mandioca da região. A Polícia Militar, que havia monitorado os telefones e se infiltrado nas reuniões dos possíveis invasores, deteve Lavratti numa usina de reciclagem e evitou a ação dos militantes.

Naquela noite, Rui pernoitava na casa da líder comunitária Marlene Borges, também envolvida com a reivindicação, grávida de três meses. Rui sabia que era procurado pela polícia e, depois de uma noite de apreensão, se entregou na manhã seguinte. Poucos dias depois o Tribunal de Justiça de Santa Catarina concedeu habeas corpus a Rui e Lavratti, acatando o argumento de que a prisão teria sido autoritária.

O episódio acabou estimulando Rui a se distanciar do MST, pois desconfiava que a assunção do PT de Lula ao Palácio do Planalto fazia o movimento perder a índole revolucionária que sempre o caracterizava.

Amigos e conhecidos de Rui contam que ele entendia que o partido de esquerda estava se adequando demais ao sistema contra o qual sempre lutara.



NO FRONT E MÚSICA DE RAUL

Articulador não hesitou em pedir socorro ao comando da PM quando viu seu grupo ameaçado

O descontentamento o levou a se desfiliar do Partido dos Trabalhadores para aderir ao PCB. Na nova sigla, segundo ele, sairia em busca de outras formas de luta. Pessoas que o acompanham dizem que ele considera a linha comunista mais coerente com as suas ideias revolucionárias e com a busca por "ocupações mais combativas".

Na Ocupação Amarildo, Rui tem como dois dos principais assessores a mulher e o filho. O rapaz, Rui Fernando da Silva Neto, é jornalista formado e funcionário do Sindicato dos Trabalhadores de Saúde Pública (SindSaúde).

Desde que a área foi invadida, em dezembro, ele se mudou para o acampamento às margens da

SC-401. Além do filho, praticante de surfe e que também trabalhou como guarda-vidas, tem o apoio direto da mulher, Suzi Rocha da Silva, que se intitula uma das líderes do movimento.

Outro braço importante de Rui é o fotógrafo Pepe Pereira, que o auxilia na coordenação do movimento. Pepe e o filho de Rui trabalharam juntos no Setor de Comunicação do MST em 2011.

Considerado pelos liderados um homem diplomático e articulador, Rui mostrou-se de fato um líder sereno mesmo em meio aos momentos mais tensos vividos pelos invasores, como o enfrentamento com os moradores do Rio Vermelho após a invasão do terreno na SC-406. Naquele momento, vendo seus protegidos acuados pelos revoltosos moradores, não hesitou em ligar diretamente para o comandante-geral da Polícia Militar, coronel Nazareno Marcineiro. Viu que era hora de recuar e sem constrangimento pediu – ironia das ironias – proteção à Polícia Militar, uma corporação que historicamente ele enfrenta.

O MOTORISTA, O ESTUDANTE E O ÍNDIO

Um motorista de ônibus e dois estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) também são personagens centrais entre as lideranças da Ocupação Amarildo. São atuantes na coordenação e demonstram rigor na defesa do movimento.



Um dos mais atuantes ao lado de Rui Fernando é FÁBIO COIMBRA FERRAZ. Aos 28 anos, o estudante de Agronomia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) é uma das principais vozes de comando do acampamento. Por várias vezes, foi visto em conversações dos líderes com as autoridades e também no clima tenso após a invasão no Rio Vermelho, quando buscou o diálogo com a Polícia Militar.

– Quando um não quer dois não brigam. Pode chamar a Força Nacional de Segurança, mas só vamos sair daqui dentro da legalidade – disse Fábio ao coronel João Henrique Silva, comandante da 1ª Região da PM na negociação

tensa gerada pela revolta dos moradores com a ocupação, na SC-406.

Na universidade, Fábio é conhecido pelo perfil ativista. Ele entrou em 2009, fez parte do Diretório Central dos Estudantes (DCE) e do Centro Acadêmico de Agronomia. Em 2012 e 2013 foi classificado pela Pró-reitoria de Assuntos Estudantis para receber auxílio-moradia. A lista de 2014 ainda não foi divulgada.

Fábio estaria 100% dedicado à ocupação e colegas dizem que ele não está indo às aulas. Trabalha com agroecologia e no acampamento era responsável por ensinar os ocupantes a produzir alimentos orgânicos. Depois do retorno para Maciambu, proibiu integrantes do acampamento de falar com a imprensa.



Gaúcho de Porto Alegre, JORGE LUIZ DA SILVA MARTINS, 38 anos, permanece acampado com a mulher e também figura entre as principais vozes do Amarildo. Trabalhava como motorista de ônibus em Florianópolis e morava na Vargem Grande, próximo ao primeiro acampamento, na SC-401. Chegou à ocupação no dia 20 de dezembro dizendo estar afastado do trabalho por problemas de saúde.

No local, chama a atenção por ser visto circulando com um carro importado. Seria um dos responsáveis pelo transporte dos ocupantes. Ele também auxiliava no cultivo da horta orgânica. Em entrevista ao jornal Hora de Santa Catarina, disse que pagava aluguel de R\$ 800 na Vargem Grande e que mantém família de cinco filhos ao lado da mulher.



Apesar de constar como uma das lideranças da ocupação em documento assinado na audiência de conciliação do dia 7 de fevereiro, CRISTIANO MARIOTTO, conhecido como Índio, tem sido pouco visto no acampamento.

Ligado ao curso de Serviço Social da UFSC, onde em fevereiro apresentou dissertação de mestrado, desenvolveu projetos de extensão junto à comunidade indígena do Morro dos Cavalos. Ele também tem experiência em assentamentos de reforma agrária e Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Filiado e militante do PT há 16 anos é ligado ao vereador Lino Peres (PT).

Mariotto participou de outras manifestações na Grande Florianópolis, como o protesto que bloqueou o trânsito na BR-101 Sul com o grupo indígena de Morro dos Cavalos pela demarcação da terra e de manifestações do Passe Livre no ano passado. Em julho, chegou a ser detido por PMs em manifestação no terminal de ônibus do Centro.

SEGUE >

O GUIA A PALHOÇA

PADRE PRIM, O COADJUVANTE

Dentre outros personagens que surgiram nos quatro meses da Ocupação Amarello de Souza, um deles tem a história mais intrigante. Conhecido pela sua atuação comunitária, o padre Luiz Prim tornou-se coadjuvante e até fez participações especiais nos mais recentes capítulos do movimento, no qual afirma ter caído de paraquedas.

Integrante de ocupações pró-moradia em Florianópolis na década de 1980, o pároco da comunidade do Barreiros e membro de diretorias de casas de recuperação de dependentes químicos diz não saber como o seu nome foi lançado na discussão que buscava uma área aos Amarellos diante da necessidade de saída deles do terreno da SC-401.

Prim diz ter conhecido o líder da ocupação, Rui Fernando, nas reuniões que definiram o futuro das famílias. Porém, o representante da ocupação disse ao padre que já o conhecia.

Na versão do padre, a ligação que o colocou na confusa história do acam-

pamento ocorreu perto das 20h do dia 14 de abril. Antes disso, ele garante que não havia tido nenhum outro contato com integrantes do movimento. Naquela segunda-feira, o padre foi chamado para uma reunião na Assembleia Legislativa de Santa Catarina, onde estavam representantes do Incri, do Ministério Público Federal, membros da ocupação, assessores de políticos e o deputado estadual Amauri Soares.

Na reunião teriam pedido a ele se as famílias poderiam ir a um dos terrenos das entidades que o padre faz parte. O primeiro a ser citado foi o que fica na SC-406, no Rio Vermelho, para onde os ocupantes foram domingo passado e tiveram a presença rechaçada pela população. O padre negou aquela área e outra em Biguaçu. Porém, aceitou que o grupo fosse para o terreno em Maciambu, em Palhoça.

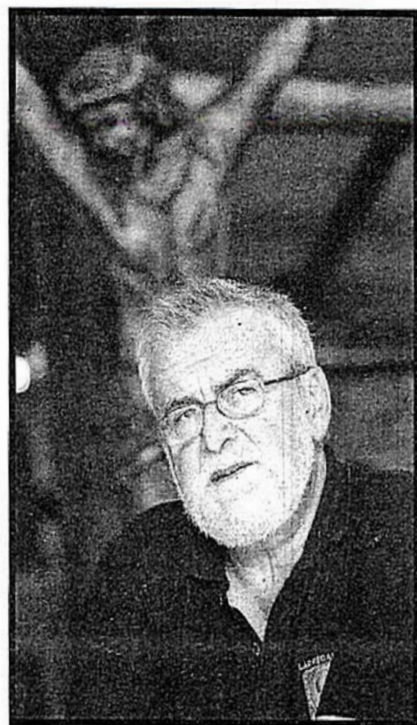
— Sou administrador daquele terreno. Não consultei a diretoria do Instituto Kairós (que administra no papel

a área) sobre estar acolhendo esse pessoal — admitiu, falando também sobre a afirmação da dona do espaço, a mexicana Rocio Delfin, de que não havia autorizado a ocupação.

Prim afirma manter contato com a proprietária do terreno por e-mail e telefone. O padre participou também de outra reunião ocorrida em 15 de abril, no dia em que os Amarellos deveriam cumprir a desocupação na SC-401. Neste encontro, ele foi o responsável por entrar em contato com representantes do governo do Estado para discutir o assunto do futuro do movimento.

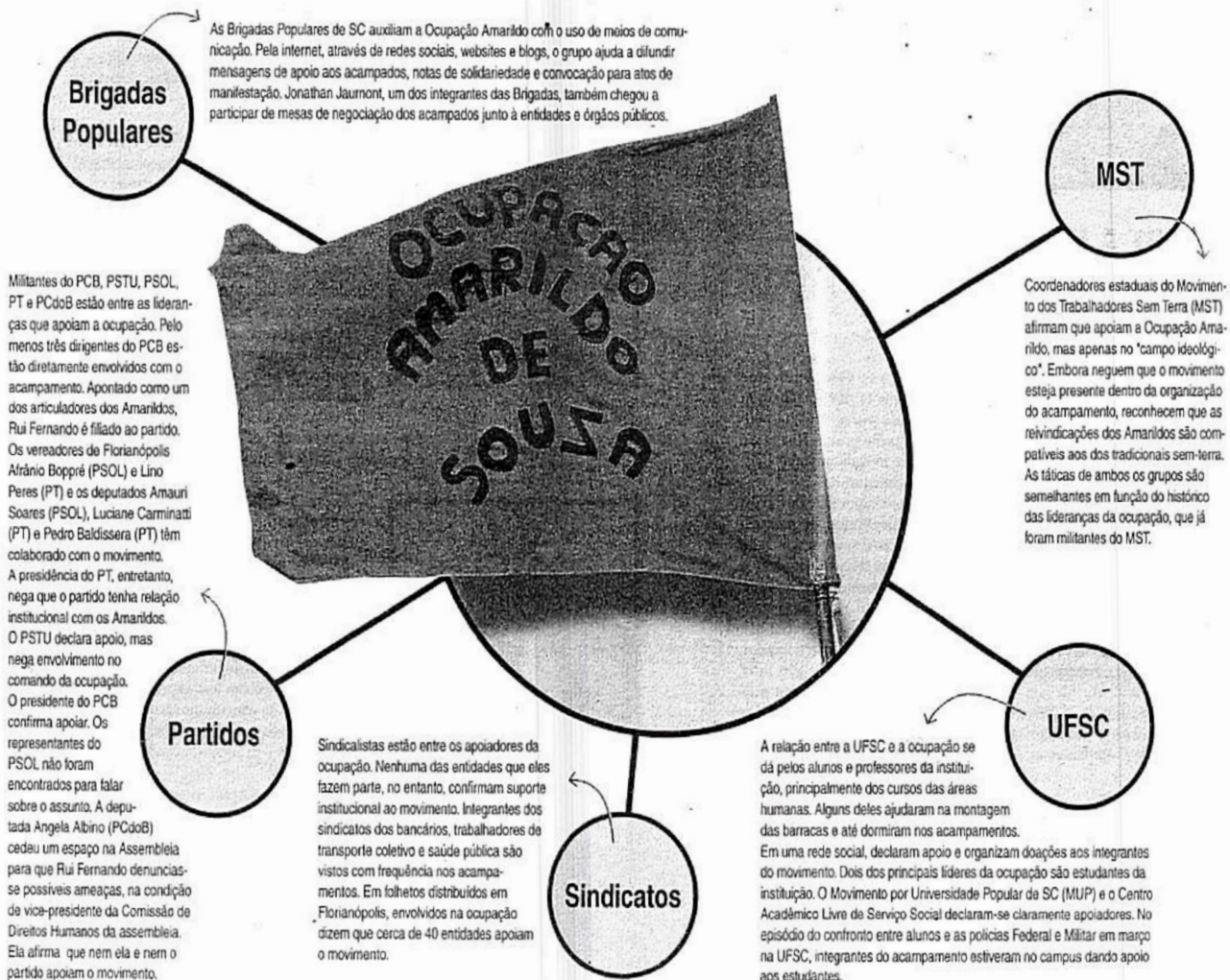
— Não sei como chegaram ao meu nome. Antes daquele telefonema nunca tive contato com os Amarellos — disse.

O padre tem ido quase que diariamente à área no Maciambu. Uma das preocupações é com a conta de luz, que está no nome do instituto e pode vir com um valor muito alto no final do mês devido ao alto número de pessoas usando a energia elétrica. ■



RELIGIOSO AFIRMA não saber como chegaram até ele para as negociações da área para onde os ocupantes poderiam ser transferidos no dia 15 de abril

A TEIA DO MOVIMENTO



Diário Catarinense

Moacir Pereira

“A relação entre a UFSC e Florianópolis”

A relação entre a UFSC e Florianópolis / Editora da UFSC / Professor / Diretor / Fábio Lopes / Instrumento de mediação / Revista Subtrópicos / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC

8

DIÁRIO CATARINENSE, DOMINGO, 27 DE ABRIL DE 2014

Moacir PEREIRA



INTERINO
UPIARA BOSCHI
upiara.boschi@diario.com.br
(48) 3216-3565

A relação entre UFSC e Florianópolis

Parece que UFSC e Florianópolis só lembram que vivem na mesma cidade quando acontece alguma polêmica que as relacione. A Editora da UFSC pode ajudar a aproximar os dois? Essa provocação, seguida pela pergunta, foi encaminhada ao professor Fábio Lopes, diretor da editora. A resposta foi o artigo que segue nas próximas linhas:

“O divórcio entre a UFSC e a cidade é um dilema real, que exige medidas urgentes. Evidentemente a UFSC não é a única responsável por essa situação lamentável. Não é pequeno o papel que a elite política e econômica de Florianópolis, com seu culto à ignorância e à xenofobia, desempenha no processo. Em todo caso, como membro da comunidade acadêmica, prefiro destacar aqui os erros que a própria UFSC vem cometendo nessa

relação difícil e truncada com a cidade.

Paradoxalmente, o principal problema da UFSC decorre da competência de seus quadros. É que competência, na universidade contemporânea, significa sobretudo especialização. Trocando em miúdos, trata-se de alguém que sabe cada vez mais sobre cada vez menos e que, além disso, pratica uma linguagem altamente técnica, esotérica, não compreendida nem mesmo por seus pares, especializados em outros assuntos. A rigor, não é só com a cidade que a universidade não conversa. O rompimento do diálogo vigora entre os próprios professores, cada qual encerrado na bolha de seus interesses intelectuais particulares, de seu próprio vocabulário técnico.

Foi com esse diagnóstico na cabeça que assumi a direção da Editora da UFSC. Uma das minhas

obsessões é criar instrumentos de mediação entre a cidade e a universidade. Como? O carro-chefe é a revista *Subtrópicos*, um caderno mensal de cultura gratuitamente disponível em versões impressa e eletrônica. A ideia é fazer circular textos curtos, em linguagem não-acadêmica, sobre problemas contemporâneos, escritos por gente da universidade, mas também de fora dela. Com essa publicação, trata-se, claro, de projetar o nome da UFSC para além de seus muros. Mas não apenas isso: a ideia é convidar a Universidade a escrever e ler textos com que ela não está habituada a lidar, a respeito de temas que nem sempre são os seus preferidos. A ideia é, enfim, tentar modificar, por pouco que seja, a curvatura do discurso acadêmico, tirando-o do autismo a que ele está hoje preso.”

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.